

mente homogénea. Como é hoje em dia por demais sabido, este modelo pode causar situações altamente conflituosas em determinadas configurações sociais, culturais e/ou geográficas, problema que Mauss parecia poder antever, não fora a contradição entre uma cognição e um sonho.

Em relação aos autores estudados, conclui Ramel que 'a leitura retrospectiva dos seus escritos é rica de ensinamentos, tanto no modo de colocar os problemas e de os resolver à sua época [...] como na possibilidade de inserir as suas reflexões no seio do debate epistemológico contemporâneo' (p. 110). Note-se, porém, que este livro se cinge, sobretudo, ao primeiro desses pontos, deixando-nos a apropriação crítica dos clássicos da sociologia, para as questões contemporâneas das relações internacionais, como um desafio.

Maria João Barata

Instituto Superior Miguel Torga

Ulrich Schiefer, Lucinda Bal-Dobel, António Batista, Reinald Dobel, João Nogueira e Paulo Teixeira. 2006. *Mapa: Manual de Planeamento e Avaliação de Projectos*. Lisboa: Editora Príncipia. 231 pp. ISBN: 972-8818-58-0

Quando uma colega me recomendou o presente livro, aconselhando vivamente a sua leitura, fiquei um pouco céptica, porque imaginei que se tratava de mais um manual de 'como fazer projectos de intervenção social com sucesso', semelhante a muitos livros que tendem a desenvolver receituários e que, de acordo com os respectivos autores, se adequam, supostamente, a qualquer tipo de contexto social.

O facto é que adquirir o livro e a leitura da primeira linha do prefácio aguçou logo a minha curiosidade, referindo que 'uma boa teoria científica deve reflectir os seus próprios limites, as más, na generalidade, reclamam para si uma validade universal'. Não estava, então, no mundo de verdades e técnicas uniformizadas. Pelo contrário, os autores reclamam para si o domínio da dúvida ou a necessidade de caminhar, passo a passo, com a população, no terreno rico, mas sempre mutável da intervenção social onde a complexi-

dade é uma das suas mais fecundas características.

Os autores continuam, apresentando no primeiro capítulo, o MAPA, sigla para 'Método Aplicado de Planeamento e Avaliação'. O MAPA é descrito como uma metodologia operacional integrada e participativa de planeamento e avaliação, que consiste, fundamentalmente, num método destinado a articular, de forma integrada, o diagnóstico, o planeamento, a monitorização e a avaliação de projectos, recorrendo, principalmente, a técnicas participativas.

Em termos conceptuais, o MAPA não é inovador. Isabel Guerra, no seu livro, publicado em 2000, *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção*, apresenta um conjunto de instrumentos, metodologias e uma lógica de planeamento, acompanhamento e avaliação de projectos de intervenção social que se fundamenta nos pressupostos da participação social e do trabalho em parceria. No entanto, o MAPA apresenta, na minha opinião, dois aspectos relevantes.

O primeiro aspecto relaciona-se com a utilização construtiva das experiências anteriores em vários países da União Europeia, tendo sido aplicado quer em instituições governamentais, quer na sociedade civil. Os autores referem que o MAPA surge como resposta às especificidades dos processos de planeamento e avaliação nas *low trust societies* (termo utilizado pelos autores) e dos problemas detectados na intervenção para o desenvolvimento nesses contextos. Neste sentido, o MAPA apresenta e descreve alguns dos instrumentos-padrão fundamentais para esses processos, nomeadamente, as matrizes de enquadramento lógico, os planos operacionais, as matrizes SWOT, as matrizes de avaliação de impacto, entre outros.

O segundo aspecto que considero particularmente relevante refere-se à preocupação dos autores em reflectirem e apresentarem propostas relativas à sustentabilidade dos projectos de intervenção social, após o término do seu financiamento externo. Este aspecto é sobejamente importante ao atentarmos no conjunto de iniciativas inovadoras em Portugal, que, num determinado período de tempo (entre três a seis anos), respondem, de forma adequada, às necessidades dos contextos sociais, culturais e económicos onde se desenvolvem, mas que, rapidamente, se extinguem ou permanecem de forma institucionalizada e descoincidente com

o seu espectro inicial. Esta situação é devida à inexistência de um planeamento eficaz da sustentabilidade daquelas iniciativas, após o término do financiamento externo que, na sua maioria, se encontra dependente dos programas operacionais dos quadros comunitários de apoio.

Mais do que analisar a sustentabilidade dos projectos de desenvolvimento social, os autores apresentam e desenvolvem estratégias de sustentabilidade nos seus vários domínios: participação e apropriação do projecto, sustentabilidade económica, sustentabilidade social, sustentabilidade cultural, sustentabilidade tecnológica, sustentabilidade do género e outros.

Os dois aspectos revelados na natureza operacional do livro são, deste modo, um factor inovador, relativamente a outras obras do género. Portanto, significa que os autores fundamentam, de forma muito instrumental, todos os aspectos basilares do método que defendem, exemplificando a sua exequibilidade e pondo à disponibilidade do público os instrumentos necessários para a

sua aplicação. Por outro lado, apresentam, igualmente, uma preocupação reflexiva com as suas práticas e das metodologias utilizadas, chamando a atenção do leitor para os limites e potencialidade de cada fase do processo, bem como dos instrumentos que aconselham.

Assim, este é um livro manual, mas não um índice terapêutico. Ou dito por outras palavras, o livro M.A.P.A é um manual de utilização de um método de planeamento, acompanhamento e avaliação da intervenção social, com recurso permanente a instrumentos operativos. No entanto, não é um conjunto de respostas abstractas a sintomas gerais da intervenção social, nem apresenta uma só forma de intervenção e desempenho técnico. Em vez disso, orienta, mas não dirige, permitindo ao leitor descobrir, de entre as possibilidades expostas, aquelas que mais lhe fazem sentido face ao contexto específico onde se move.

Clara Santos

Instituto Superior Miguel Torga